

# EDUCAÇÃO SEM UTOPIA



**Benjamin Ribeiro da Silva**  
Presidente do Sieceesp

**O** Brasil inicia uma nova fase de sua vida institucional e política: o recente episódio do impeachment de Dilma Rousseff com a consequente ascensão de Michel Temer à Presidência da República. Se, de um lado, isso traz esperanças aos brasileiros, por outro gera preocupações e indefinições quanto ao futuro. O novo governo começa tendo que administrar um déficit monumental para ajustar o orçamento público, pois o buraco pode chegar a R\$ 360 bilhões. Porém os especialistas da área econômica lembram que há outra conta, oculta, mas também expressiva, de “esqueletos” que podem ser herdados da gestão que deixa o governo. Por enquanto, só estimativas, porque é necessário contabilizar.

Mas pretendo tratar de educação nesta página e, na área educacional, teremos que resgatar uma grande dívida, um atraso muito grande. No início do seu segundo mandato, Dilma Rousseff anunciou que o lema do seu novo governo seria “Brasil, pátria educadora”, afirmando que a educação seria a prioridade das prioridades

e que deveríamos buscar, em todas as ações do governo, um sentido formador, uma prática cidadã, um compromisso de ética e sentimento republicano. Não foi isso o que aconteceu, ao contrário, uma de suas primeiras providências foi cortar verbas do setor. Além disso, em dez meses de governo tivemos quatro titulares da pasta: Cid Gomes, de janeiro a março de 2015; Luiz Cláudio Costa (interino), de março a abril de 2015; Renato Janine Ribeiro, de abril a outubro de 2015; e, por último, Aloizio Mercadante, que assumiu em 5 de outubro de 2015.

Não é possível fazer um planejamento sério e eficaz de um setor vital para o País com essa descontinuidade administrativa. Como articular um plano educacional eficiente se mal deu tempo de o titular do Ministério esquentar a cadeira e escolher seus subordinados? Só tempo e dinheiro jogados fora, pura gestão passageira de governo, sem pensar no bem maior que é a formação dos jovens cidadãos brasileiros, ou seja, a educação ficou à deriva, liderando as tristes pesquisas internacionais que nos colocam atrás de outros países.



eRyanLane/Stockphoto

É hora de recuperar o tempo perdido, pois estamos nas primeiras colocações no ranking das economias mundiais e precisamos fazer valer essa força do País, mas, para isso, é necessário ter vontade política – é o que esperamos do governo que se inicia. É hora de escalar as pessoas certas para os lugares certos, sem conchas políticos e acertos partidários. A educação para os educadores é um planejamento de Estado, firme e duradouro, pois entendemos que, para se consolidar um setor tão importante da vida nacional, é necessário tempo, pelo menos uma geração, com planejamento e gestão, deixando de lado as picuinhas. Mas, para isso, precisaremos começar a levar a sério a arte de governar, pois temos exemplos de países que encontraram, na educação, o caminho para o seu desenvolvimento, e hoje desfrutam das benesses do seu planejamento.

Nós, educadores, estamos aqui, na vigília e à disposição para levar avante essa ideia de desenvolvimento através da educação. Devemos isso aos nossos jovens, e as futuras gerações irão nos cobrar, pois é da decisão que tomarmos hoje que depende o futuro dessa grande leva de brasileiros ávidos por uma vida melhor. É hora de eleger a educação como a prioridade das prioridades. Com a palavra, o novo presidente do Brasil! ■

[benjamin@einstein24h.com.br](mailto:benjamin@einstein24h.com.br)